



PONTO DE VISTA

A AULA COMO LOCAL DE FORMAÇÃO E DE EDUCAÇÃO

Silvino Santin

Universidade Federal de Santa Maria - RS

RESUMO

SANTIN, S. A aula como local de formação e de educação. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, vol. 04, nº 01, pp 38-45, 1990

A aula, em geral, não recebe muita atenção por parte dos críticos da educação por ser uma atividade corriqueira no contexto das atividades escolares. O que se debate de maneira habitual são os aspectos gerais do processo educacional. Discutem-se os princípios gerais da educação, mas não se desce até o local onde eles se concretizam. Por isto os teóricos da renovação educacional, na sua maior parte, têm uma prática oposta em sala de aula. Poucas vezes se olha a sala de aula como a peça fundamental de concretização das teorias transformadoras do sistema escolar. A aula, na realidade, é a instância privilegiada onde são realizadas as atividades didático-pedagógicas de todo o processo educacional. É fundamental, portanto, que se reveja e repense a educação escolar através de um repensar do papel e das funções da aula no processo de transformação. As mudanças na educação só descerão do patamar de discursos inflamados para a concretude da realidade através da sala de aula. O começo efetivo das transformações na educação em geral está na mudança de comportamento na aula. A grande questão é saber se a atual estrutura da aula possibilita uma educação transformadora no indivíduo e na sociedade, ou se ela está moldada para fazer uma educação conservadora da ordem social.

EM TORNO DO TEMA

A questão da aula como o local de

formação e de educação, em princípio, não chegou a me entusiasmar. A primeira vista pareceu-me um tema tão óbvio, tão banal, tão corriqueiro e tão sem sentido relevante. O que poderia haver de novo e de relevante em coisas tão simples, tão comuns e sempre presentes em meu cotidiano? Aos sete anos entrara na escola e assistira à primeira aula. Desde então as aulas passaram a ser um componente do meu dia-a-dia, uma parte do meu viver, uma peça da minha habitação. A aula passou a fazer parte de mim, de minha existência e de todos os meus projetos. Inicialmente como o caminho mais seguro de construir o futuro, depois como uma oficina de trabalho. Desta maneira a aula passou a fazer parte da minha carne, e, como tudo o que está sempre diante dos olhos, tornou-se familiar, demasiadamente familiar, tanto que julga-se plenamente conhecido e, conseqüentemente, não questionável. Mas, de repente e surpreendentemente, percebi que era a primeira vez, depois de mais de quatro décadas de envolvimento com aula, que eu estava, e fora obrigado, pensando com maior atenção ao significado da aula. Aprendera, com Ivan Illich, Althusser e Bourdieu a anatematizar o sistema educacional escolar como um aparelho ideológico do estado. Aprendera também, com Paulo Freire, a ver na educação um processo de libertação e de conscientização. Mas em todos esses casos a educação era apresentada dentro de uma visão globalizante. A escola formava um todo. Nunca me perguntara especificamente



sobre a aula. Neste momento, confesso, nunca me senti tão confuso, tão perdido, e tão despreparado para falar da coisa que se constituía, há tanto tempo, numa parcela de minha existência: a sala de aula. Milhares de horas foram passadas dentro de salas de aula. Senti-me rodeado de aulas. Uma verdadeira ilha cercada de aulas por todos os lados. A aula era algo tão familiar, tão próximo mas, ao mesmo tempo, tão distante e desconhecido.

Comecei olhar ao redor, e em todas as direções, para ver se conseguia achar uma saída ou encontrar um ponto de referência. Voltei às longínquas aulas de minha alfabetização para detectar seus efeitos. Tentei observar as milhares de aulas que ministrei ao longo de vinte anos de magistério, em escolas de 2º e 3º graus. Pensei nas aulas inaugurais que as universidades costumavam, com toda a solenidade, promover no início de cada ano letivo. Lembrei-me de duas aulas proferidas no Colégio de França, uma por Maurice Merleau-Ponty, outra por Roland Barthes, cuja leitura se tornou, para mim, contínua fonte de inspiração (1). Apelei para a hermenêutica, tentando decifrar a semântica dos termos que explicitam o tema: o que significariam as palavras Aula, Formação e Educação? Obriguei-me a consultar dicionários, enciclopédias, manuais de filologia e de etimologia. Cheguei inevitavelmente aos gregos, mas não à solução. Depois voltei a reler trechos de velhos autores conhecidos, desde Platão, passando por Sto. Agostinho, Boécio, Montaigne e Rousseau, até chegar aos contemporâneos como Foucault, Piaget, Illich, Bourdieu, Passeron, Skinner ou Rogers, sem esquecer os nossos, Anísio Teixeira, Paulo Freire, Lauro de O. Lima, Rubem Alves, Gadotti. Por fim perguntei-me, por que a aula deveria ser um local? Não poderia ser um momento, uma atividade, uma mensagem, um espaço aberto, um encontro? Por que formou-se em nós a idéia de aula como um local? Diante disto, a formulação do tema proposto pareceu-me, não sei se por força da linguagem ou por um ativismo cultural meu, estaria marcada por uma compreensão tradicional de aula e de educação. De fato, aula significa, em sua raiz grego-latina, um local, e todo local tem sua topologia definida em função de intencionalidades de sua ocupação. A aula

como local significaria uma fixação de papéis, de funções e de posições.

Este amontoado de lembranças, imagens e idéias desencadearam um verdadeiro terremoto em minha comodidade. Percebi que as palavras aula, formação e educação são como os conceitos de espaço e tempo, que no dizer de Sto. Agostinho, eles parecem tão conhecidos, mas na hora de defini-los percebe-se que pouco se sabe a respeito deles (2).

A partir desta instabilidade inicial foi possível delinear alguns pontos capazes de orientar a presente reflexão. Em primeiro lugar, ficou claro que a observação da aula nos obriga a dar um mergulho em todo o sistema organizacional da educação formal e sistemática. Ela é uma peça chave. Talvez, por isto, seja tão pouco questionada em seu sentido e em suas funções. Pensar a aula significa tocar e mexer no centro gravitacional da escola. Em segundo lugar, tornou-se evidente que as palavras aula, formação e educação possuem uma densidade semântica impossível de ser enclausurada em um conceito ou em uma definição. Aula não significa um local. Ela pode significar o conteúdo, a lição, ou seja, o ensinamento transmitido no local chamado aula. Assim, como dizemos dar aula, podemos dizer, também, lecionar. Por tanto, podemos falar em aula como local, e em aula como lição. Temos, como exemplo, as expressões constantemente usadas: "ele deu uma aula de moral, de trabalho, de dignidade". Significa dizer: deu um exemplo ou demonstrou grande competência.

As palavras, formação e educação, apesar de todo esforço de recuperação etimológica e de resgate semântico, continuam numa situação de profunda indefinição. Sem dúvida, o sentido de formação e de educação dependem muito de seus pressupostos filosóficos, ideológicos ou culturais. Falar em aula como local de formação e de educação, sem dúvida, não tem a mesma força lingüística de quando dizemos a biblioteca, o local de livros. O significado de livro não é ambíguo, enquanto que os termos formação e educação são altamente ambíguos, ou se quisermos, plurívocos. O seu significado depende de momento histórico e dos valores culturais.

A compreensão da aula depende do significado da ação que dentro dela se desenvol-



ve. Será nesta direção, portanto, que esta reflexão vai se movimentar, contudo, sem nenhuma pretensão de trazer a solução da questão. Talvez não haja solução, e mesmo que houvesse, ela seria parcial e relativa.

A AULA, PEÇA CHAVE DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E DO PROCESSO EDUCACIONAL

A aula constitui-se no ponto central, isto é, na razão de ser de qualquer organização escolar. A escola é, em última instância, a sala de aula. Tudo o que é pensado, no sistema escolar, passa obrigatoriamente pela aula. Infelizmente isto não garante que, concretamente, a aula receba a atenção que ela merece, ou o significado que ela tem. Em geral, privilegia-se a área administrativa, ou seja, as instâncias do poder; a aula fica, assim, em segundo plano. Quando, porém, prestamos maior atenção, observamos que a área administrativa só tem sentido vinculada à aula, consequentemente, esta inversão do sentido da ordem escolar acaba representando um desvio da instituição escolar e uma ameaça para a qualidade da ação educativa. Tudo na escola gira em torno da aula e do que dentro dela acontece. A qualidade do ensino, torna-se redundante afirmar, depende da aula. O bom ensino vincula-se fundamentalmente ao bom professor, em outras palavras, da competência do professor. O sucesso ou fracasso de uma escola transitam pelas salas de aula. A boa ou má educação está em relação direta com o desempenho das aulas. Isto porque a aula é o lugar, a instância da operacionalização da filosofia, da pedagogia e de toda política educacional. A aula é o momento em que se faz a orquestração do processo educativo. Ela é o cerne institucional do ensino e aprendizagem. É ali que se concretiza a intencionalidade das atividades pedagógicas, enquanto transmissão de todos os valores culturais de uma sociedade. Portanto, refletir sobre a aula significa, não só mergulhar na profundidade do processo educacional escolar, mas também penetrar na profundidade da ordem social.

Pensar a aula não é uma tarefa fácil quanto aparentemente parece, porque não está claramente explícito o que ela significa e nem quais são suas reais dimensões. Não se sabe onde começa, nem onde termina.

O que não deixa dúvidas é que não se pode tomar a aula como uma coisa isolada dentro do sistema escolar, ou do processo global educacional, ou do contexto social.

Uma reflexão sobre a aula, talvez, deva começar pela consideração de dois momentos. O primeiro acontece quando olhamos o interior da aula. A aula tomada como um todo completo e organizado. O segundo momento se dá quando tentamos ver a aula aberta e vinculada às dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas da ordem social onde ela se situa. A aula é tomada como uma parte de um todo orgânico. Os dois momentos são inseparáveis, pois tudo o que acontece no interior da aula, seja qual for a compreensão que se tem, só acontece a partir do que se determina fora da aula, seja, sob o ponto de vista da organização escolar, seja sob o ponto de vista de todo o sistema social e cultural. Nem sempre as relações do espaço interior da aula com o mundo exterior são claras e explícitas. Tal situação, a vinculação da aula e da escola com a ordem social e cultural, tem suas raízes nos gregos. A escola grega, que no seu início não passava da aula, isto é, o ensino, nasceu como a instituição que devia ser dirigida segundo as normas da comunidade (3). A aula era o lugar da moldagem dos futuros cidadãos, segundo um ideal de homem pré-estabelecido.

As grandes investidas promovidas pelas críticas contemporâneas contra a escola, na realidade, são críticas dirigidas à aula, na medida que ela não atende aos anseios de mudanças sociais, ou porque se transformou em algo decorativo, ou porque se constituiu num aparelho ideológico do estado e instrumento de dominação. O movimento estudantil de 68 dirigiu sua fúria, e com razão penso eu, contra a aula catedrática. A desmontagem da aula tradicional parecia significar o símbolo de uma nova escola ou de uma outra universidade.

A história da pedagogia mostra claramente que a "Paidéia" grega significava a ação do adulto sobre as novas gerações para formá-las segundo as normas e as funções da "Polis". A escola grega, em princípio, não é revolucionária, nem, propriamente, transformadora. Ela nasceu como uma instituição mantenedora da ordem social através da moldagem dos indivíduos tornan-



do-os cidadãos aptos para desempenhar as funções estabelecidas e exigidas pela sociedade. É dentro desta ótica que o sistema escolar foi se organizando ao longo do tempo. O professor ou o educador é o que detém o poder, que lhe foi delegado pela sociedade, e que, portanto, deve exercê-lo segundo as normas da própria sociedade. Os alunos estão aí para aprender conhecimentos e para disciplinar-se conforme as virtudes do ideal da humanidade. Tais observações nos levam a entender a topologia da sala de aula. É indispensável prestar atenção da montagem da sala de aula, como o local da aula é construído e mobiliado, a delimitação e a ocupação do espaço, como se formam os diferentes lugares, a confecção dos móveis, a posição das pessoas, a distribuição dos papéis e funções, o direito ao uso da palavra, o exercício do poder, o material didático, a definição dos conteúdos transmitidos, etc. Todos esses componentes são indispensáveis para se poder avaliar a importância da aula e para se ter uma compreensão adequada da mesma.

A aula, desde suas origens, pode ser comparada ao consultório médico. O médico, em seu consultório, é um juiz plenipotenciário da saúde e da doença, da vida e da morte, do remédio e do veneno. Na aula, o professor, por sua vez, desempenha o papel de senhor todo poderoso sobre a verdade e o erro, sobre a sabedoria e a ignorância. A ele cabe estabelecer juízos de valor sobre o desempenho do aluno. Ambos, médico e professor, detém um poder que é, até certo ponto, absoluto. Este poder lhe foi conferido pela própria sociedade e que deve exercê-lo em nome da mesma, sem um controle superior, desde que fique nos limites de suas atribuições.

FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO E SUAS AMBIGÜIDADES

É fundamental saber o que se entende por formação e educação quando se pretende avaliar a aula como seu local de realização. A ambigüidade não foi eliminada apesar de muitos discursos, pesquisas e debates tentando estabelecer o sentido preciso das palavras educação e formação. A questão não foi resolvida, a imprecisão não diminui e a polêmica continua. O pro-

jeto da formação do homem grego - Paidéia - continua sendo o fio condutor da história da educação humana no ocidente. Toda reflexão sobre o sentido de formação e de educação deve obrigatoriamente levar em consideração os ideais gregos de educação. Os gregos não são apenas o começo da história da educação do homem ocidental, mas também a origem e a fonte espiritual, a que sempre, seja qual for nosso objetivo, se tem de regressar para encontrar orientação. A idéia de educação representa para o grego o sentido de todo esforço humano para a realização plena do ideal de humanidade.

Educar e formar, serão duas atividades distintas, ou serão apenas complementares? Formação parece designar de maneira mais precisa a essência da educação no sentido grego, e não uma ação distinta. A educação é formar verdadeiros homens; como o oleiro modela sua argila e o escultor suas pedras, assim o educador deve ser o grande artista que tem a missão de executar a mais alta obra de arte, a de criar o homem vivo. Assim a educação consiste em realizar a formação do homem. Por isto a educação devia constituir-se, para o grego, num processo de construção consciente, porque exigia que o cidadão fosse construído de modo correto e sem falha, nas mãos, nos pés e no espírito (4). Este ideal constituía a essência da virtude mais difícil de se adquirir: ser um homem verdadeiro e vivo. Somente a este tipo de educação se pode com propriedade aplicar a palavra formação. Portanto, educação e formação, no projeto educacional grego, são inseparáveis.

O conteúdo da educação, para que se pudesse realizar a formação do cidadão ou do homem grego, devia acontecer em dois níveis. Um se desenvolvia na forma de mandamentos e de preceitos sobre a moralidade que fundamentam os procedimentos do cidadão diante dos deuses, dos pais e dos estranhos. O outro nível baseava-se na comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais. Os dois níveis não se distinguem mas complementam-se de tal maneira que o ideal socrático mostra que o homem sábio é também virtuoso. Todo esse projeto de educação grega, conhecido como paidéia, desenvolveu-se paralelamente com o projeto político - a Politéia. Assim, a escola recebe o encargo da educação, isto



é, da formação do homem político, ou simplesmente dito, o cidadão. Desta maneira a educação não é uma soma de técnicas e organizações privadas, orientadas para a formação da individualidade, isto só ocorre no período helenístico, mas a formação do homem inserido na sociedade. A Paidéia significou a educação do homem de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser, um ser social (5).

O projeto grego continua formalmente o mesmo até os nossos dias. O que mudou de maneira acentuada é o sentido de educação e de formação diante das profundas mudanças da ordem social e cultural. Hoje podemos perceber que os dois níveis, que constituíam a essência da educação grega, estão separados. Nós distinguimos e separamos o nível ético e o nível do conhecimento. As ciências não se preocupam com os juízos de valor. Elas se interessam apenas com a objetividade. Provavelmente aqui ocorre um grande engano, pois a opção pelo critério da objetividade constitui-se, sem dúvida, numa postura ética. Neste caso, é a ética do conhecimento objetivo que determina o comportamento do homem da era industrial, científica e tecnológica. A escola da sociedade industrial limita-se a fornecer um conjunto de conhecimentos e uma série de técnicas indispensáveis para o exercício de uma atividade profissional. A escola forma profissionais, ou seja, o cidadão da cidadania industrial. Esta nova ordem escolar obedece às normas da ordem social, gerada pela ciência e pela tecnologia, a sociedade industrial. O que interessa, na visão do homem na sociedade industrial, são conhecimentos objetivos e técnicas de operacionalidade. Os juízos de valor, isto é, as questões éticas tornaram-se dispensáveis e, em certos casos, vistas como complicadores do avanço científico e tecnológico. Com isto o educador, na expressão de Rubem Alves, tornou-se uma figura em extinção, como o fora o tropeiro, o tocador de realejo ou o boticário (6). Ele foi substituído pelo professor, ou seja, pelo funcionário do estado ou da empresa, que tem como função transmitir conhecimentos. O professor passou a ser um funcionário de um mundo dominado pelo estado e pelas empresas. O magistério tornou-se a função que se dedica à formação do trabalhador produtivo para um sistema

de produção industrial. Com isto pode-se observar como é difícil desvincular a educação e a formação da ordem social vigente. Hoje nós formamos certos tipos de profissionais, especialmente nas áreas onde o controle é mais exigido em vista ao poder que elas representam. Desta maneira a educação e a formação continuam inseparáveis, só que o ideal inspirador, ou a forma a ser alcançada mudou. Atualmente como as questões éticas foram substituídas pelos conteúdos das disciplinas científicas e técnicas, não se busca formar um homem, um cidadão, mas um trabalhador, um profissional.

Podemos dizer que, em cada época, a educação forma o homem segundo a imagem exigida pela ordem social vigente. A escola continua ainda como a instituição encarregada de desenvolver, nas novas gerações, a forma de homem, tido como ideal de realização humana. Um ideal da sociedade industrial, segundo diz H. Marcuse, é o homem unidimensional (7). A Idade Média por sua vez, procurava educar os homens segundo o ideal de santidade, ou o cidadão do céu. Hoje a nossa formação está vinculada às atividades produtivas, ao exercício de uma profissão. A aula continua o local oficial onde se busca desenvolver esta formação. Por isto, na aula só se desenvolvem atividades que tenham esses objetivos. A aula reduziu-se a um local de ensino e aprendizagem de conhecimentos objetivos e de técnicas de aplicação. O que importa é desenvolver a inteligência, não inspirada na imaginação criativa, mas dentro de modelos lógicos matemáticos de raciocinar, orientados para a execução de tarefas práticas e produtivas conforme o modelo econômico e o sistema de produção vigentes.

Nesta altura resta indagar se, na escola e na sala de aula, é possível desenvolver a pedagogia do oprimido, proposta por Paulo Freire, ou se a escola, pela sua própria organização interna, deverá continuar com a pedagogia do dominador ou do opressor, e continuar a reproduzir docilmente a ordem social.

A AULA ABERTA COMO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A literatura sobre a escola é imensa



e variada. Nos últimos anos as obras anunciando a situação pré-falimentar das organizações escolares aumentaram significativamente. De fato, parece que, atualmente, os discursos mais aplaudidos são os de anatematização e os das denúncias da educação escolar como alienada e alienante. Longo e repetitivo seria lembrar aqui obras e autores que adquiriram notoriedade entre os pedagogos pela negação da validade do sistema educacional escolar. Citar, porém, algumas destas posições pode fortalecer a intencionalidade da presente reflexão. Ivan Illich, sem dúvida, é o condutor do carro-chefe da corrente que propõe uma sociedade sem escolas porque, segundo ele, quase tudo o que a criança aprende é fora da aula. Carl Rogers afirma que a escola evita a promoção de aprendizagens significativas. E John Gardner acrescenta que a escola educa para o obsoleto. Marshal McLuhan segue o mesmo pensamento afirmando que a escola é irrelevante. E para enterrar estas poucas situações de descrentes e maldizentes da escola, Bernard Schaw confessa que sua educação só foi interrompida durante o tempo que frequentou a escola (8).

Não se pretende, agora, negar a justeza destas acusações feitas às organizações escolares no processo de educação e formação. Ninguém põe em dúvida que a escola está passando por uma crise de identidade, talvez a mais grave de toda a sua história e do sistema escolar. Aceitar este abalo profundo da educação escolar é uma postura bem diferente à de propor a supressão da escola. É verdade que as atividades do magistério, ou na linguagem mais em moda, dos trabalhadores em educação, nunca atingiram um grau de irrelevância social como em nossos dias. Em especial os docentes das escolas de 3º grau do ensino público estão em seu patamar mais baixo de prestígio. Uma situação que parece mostrar uma dupla orfandade. De um lado há uma orfandade estatal. O estado, como pai solfrito, deixou de se interessar pelas universidades. As causas são inúmeras. Umas reais e verdadeiras, outras falsas e mistificadas. De outro lado surge a orfandade social. A universidade parece sofrer o abandono e a descrença da própria sociedade. A sociedade brasileira parece não mais acreditar na uni-

versidade e nega-lhe, pelo menos em parte, o seu apoio ostensivo. Mesmo entre os que ainda acreditam no sistema educacional escolar há uma concordância unânime quanto à situação precária de todo o sistema escolar abrangendo os três graus, juntamente com uma constrangedora depreciação do magistério.

A escola, apesar de abalada em seus próprios alicerces, parece que não é uma instituição descartável, pelo contrário, ela se torna cada vez mais um componente indispensável para o processo de desenvolvimento humano. Para os que acreditam no potencial da escola, como instrumento de educação e formação, fica claro que não se trata de eliminá-la, mas de aperfeiçoá-la, repensando seu papel e suas funções no contexto atual. É preciso, portanto, discutir qual o tipo de organização escolar que representa mais adequadamente as justas aspirações da sociedade como um todo.

A história da educação humana, desde a fundação das instituições escolares, revela que essas crises de identidade da escola são uma constante, sendo aceitas, como o preço a ser pago por qualquer instituição em processo de desenvolvimento. A crise escolar, na verdade, só é sentida juntamente com a percepção da crise na ordem social. Tal fato mostra a vinculação entre as duas ordens: a da escola e a da sociedade. Além disso, e acima de tudo, mostra a importância fundamental da escola no processo educacional, na medida em que a ela cabe, em primeiro lugar e oficialmente, o papel da educação e da formação das novas gerações. O aspecto mais significativo da crise, embora o menos observado, é, sem dúvida, a falta de autonomia da escola em sua tarefa de educar. Pelo fato de ser o sistema escolar uma instituição encarregada de transmitir e fortalecer a ordem social vigente, no momento em que esta se desestrutura, pelas razões as mais diversas, a escola, como não está preparada para debelar crises criando novas alternativas e novos projetos, acaba perdida em sua função. Ela continua formando pessoas para uma realidade social que não existe mais. Isto confirma que a escola não é dispensável, mas precisa ser repensada. Hoje, parece claro, a escola precisa deixar de ser uma instituição



formadora de indivíduos para desenvolver tarefas conforme uma ordem cultural, política e econômica pré-estabelecida, para se transformar numa instituição que pensa, debate e projeta novas ordens sociais. Esta compreensão de escola obriga a uma nova compreensão da aula e de todo processo de educação e formação. O movimento estudantil de 1968, já lembrado, representou, sem dúvida, esta nova visão de escola. Neste sentido, a escola precisa deixar de ser reprodutiva e representativa do poder político e econômico, para se tornar uma instância de poder que decide sobre as transformações e as criações culturais exigidas pelos princípios de paz e justiça universais.

O primeiro passo a ser dado em direção a esta visão de escola consiste, de um lado, na recusa de uma escola imposta e submissa, e, de outro lado, na crença de que é possível construir uma escola autônoma, aberta e capaz de criar novos caminhos para o homem. Muitas vezes se levantaram para proclamar a viabilidade de uma escola, comprometida com as mudanças sociais futuras, diria, apesar do desgaste da palavra, uma escola revolucionária. Talvez, seja interessante lembrar uma obra, não muito divulgada, "A Escola Aberta" de Jean Animus, professor da Faculdade de Letras de Nice. O prof. Jean, contestando as posições de Ivan Illich, diz que "não estamos no crepúsculo da escola, pelo contrário, a aurora apenas se inicia. A sociedade do futuro não poderá absolutamente suportar (sob pena de síncope) o contexto intelectual e material que o estado industrial nos construiu. O recurso será a escola: só a escola aberta é, com efeito, capaz de fornecer o oxigênio necessário para nos permitir sobreviver nas cidades (...). Logo tomaremos consciência disto, com a condição, porém, da escola, até agora enquistada, aceitar a grande metamorfose" (8).

É indispensável lembrar que entre nós, quem levantou sua voz forte com repercussão internacional e desenvolveu uma ação eficaz e vigorosa para a construção de uma escola aberta, foi Paulo Freire. Talvez seja dispensável uma maior referência à sua obra, conhecida de todos, mas não é inútil fazer, aqui, uma rápida observação sobre a força transformadora e libertadora

que pode ter a educação escolar, e como é possível, numa aula de alfabetização, não mais formar inteligências disciplinadas e indivíduos dóceis, mas formar consciências críticas e cidadãos conscientes, capazes de construir a sociedade do futuro. O método de alfabetização de Paulo Freire mostrou que a escola pode ser revolucionária. E isto é tão verdadeiro, por que foi muito bem entendido pelas forças conservadoras e da repressão, tanto que, como todos sabemos, o método foi proibido e seu criador foi exilado. Alfabetizar segundo Paulo Freire, além de ensinar com mais eficiência, levava também a pensar e a questionar uma realidade social injusta, e por fim levava a propor uma nova ordem social. Afirma Paulo Freire que ensinar simplesmente 4 X 4 igual 16, é muito diferente do que ensinar: fazer quatro vezes quatro tijolos (16). E o que torna o fato da proibição mais significativo é que o método de alfabetização de Paulo Freire foi substituído pelo MOBRAL. Este, além de perder a eficiência do ensino-aprendizagem, excluiu todo processo de conscientização, isto é, a fonte da força transformadora.

Ao falarmos da aula de educação física, as perspectivas do questionamento não mudam. Os exercícios desenvolvidos na educação física podem ser considerados sob a mesma ótica do exercício de matemática da do por Paulo Freire e citado logo acima. A repetição continuada de movimentos visam ao instalar o automatismo dos mesmos com o objetivo de aumentar a performance dos atletas pode significar a formação de indivíduos submissos através de um corpo disciplinado e dócil. Os movimentos automatizados, de fato, significam a redução, senão a perda, do nível de vivência e de consciência dos mesmos. Talvez, hoje, diante da verdadeira obsessão pela formação de atletas campeões, podemos parodiar o dito do latino, "Mens sana in corpore sano", dizendo: "Mentes disciplinadas em corpos disciplinados".

Pensar a educação física como uma força de transformação nos leva, como no caso da educação em geral, até a sala de aula, ou às quadras de esportes, ou aos ginásios de ginásticas, ou às piscinas, ou aos estádios e pistas olímpicas, ou às academias. Neste passeio poderemos observar o nível de participação dos que se



dedicam aos exercícios físicos. Será que eles se preocupam apenas em adquirir o gesto preciso exigido para um bom rendimento na modalidade esportiva? Haverá entre eles uma consciência do que representa a instalação de movimentos, atitudes e gestos automatizados? Haverá consciência do que pode representar para uma pessoa tornar-se atleta em relação a todos os valores existenciais? Na aula de educação física que se preocupa em instalar automatismos, sem dúvida, estas questões ficam do lado de fora.

A escola aberta passa a ser o portavozeiro de uma nova ordem educacional e social, não pronta e acabada, mas como um compromisso constante de construção e de adaptação. A aula torna-se o local onde se educam e formam cidadãos livres, agentes e construtores de seu próprio destino, e onde se cria, debate e elabora princípios de futuras ordens sociais. Para que essa visão de escola se concretize é necessário que os personagens da aula mudem de mentalidade e de atitudes. Tentando expressar com mais força esta mudança de mentalidade escolar, torna-se importante lembrar duas passagens das aulas proferidas no colégio de França por Maurice Merleau-Ponty e por Roland Barthes, já mencionadas no início deste trabalho. Diz Merleau-Ponty: "aquele que senta na cadeira de professor não pode sentir-se um homem realizado, mas o testemunho de sua própria pesquisa ou de sua desordem interior, a sua aula não será transmitir verdades adquiridas mas a idéia de uma pesquisa livre"(11). Roland Barthes, por sua vez, raciocina na mesma direção dizendo que o professor não tem a função de julgar, de escolher, de promover, de sujeitar-se a um saber dirigido, sua atividade não é outra senão a de pesquisar e de falar-eu diria, prazerosamente, de sonhar alto sua pesquisa (12).

Aceitar simplesmente que a escola se já uma força de transformação, provávelmente, seja fácil. O difícil, sem dúvida, é decidirmos agir dentro desta ótica, já que, a grande maioria que atua na escola em geral, e na universidade em particular, encontraram nelas o caminho de sua ascensão social e um instrumento de garantia de participação, ainda que limitada, nos benefícios da ordem social atual. Talvez a

crise da escola e o constrangedor descrédito por que passa o magistério nos ajudem passar da crença na força da escola e no poder transformador da aula, para uma ação efetiva e corajosa de engajamento na construção de uma sociedade futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01- As duas aulas foram publicadas. A aula de Maurice Merleau-Ponty foi publicada pela Gallimard, coleção Idées, sob o título: Éloge de la Philosophie. A aula de Roland Barthes foi publicada pela Ed. du Seuil, com o título: "Leçon". Foi traduzido e publicado para o português pela Ed. Cultrix com o título, Aula.
- 02- SANTO, Agostinho. DE MAGISTRO. Porto Alegre, Publ. pelo Instituto de Filosofia da URS, 1954.
- 03- JAEGER, Werner. PAIDÉIA. São Paulo, 1936, pag. 13.
- 04- JAEGER, Werner. PAIDÉIA. São Paulo, 1936, pag. 12.
- 05- JAEGER, Werner. PAIDÉIA. São Paulo, 1936, pag. 13.
- 06- ALVES, Rubem. CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR. São Paulo, Cortez, 1983, pp. 9-26.
- 07- MARCUSE, Herbert. A IDEOLOGIA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- 08- LIMA, Lauro de Oliveira. O ENFANT SURVAGE DE ILLICH NUMA SOCIEDADE SEM ESCOLAS. Petrópolis Vozes, 1975.
- 09- ANIMUS, Jean. A ESCOLA ABERTA. Publicação da Faculdade Nice, França. In Lauro de Oliveira Lima, pag. 5.
- 10- FREIRE, Paulo. EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, pag. 52.
- 11- MERLEAU-PONTY, Maurice. ÉLOGE DE LA PHILOSOPHIE. Paris, Gallimard, Col. Idées, 1960, pag. 9.
- 12- BARTHES, Roland. LEÇON. Paris, Ed. du Seuil, 1978, pag. 9-10.

ENDEREÇO DO AUTOR/AUTHOR ADDRESS

Silvino Santin
Caixa Postal 5006
Camobi
CEP 97111 - Santa Maria - RS